

**Carolina Amorim da Silva Bittencourt
Rogerio Réus Gonçalves Rosa
Gustavo Goulart Moureira Moura**

**“SE ELA TÁ VENDENDO EU
TAMBÉM POSSO VER”:** a
**etnografia na Colônia de
Pescadores Z-3, Pelotas, Rio
Grande do Sul, Brasil**

RESUMO

Este trabalho é de cunho etnológico e etnográfico e pretende identificar as categorias empíricas utilizadas pelos moradores da Colônia de Pescadores Z-3 para atribuir um sentido ao ambiente aquático. Os personagens mitológicos aquáticos desta colônia evidenciam o caráter ligado ao feminino, utilizado local e globalmente para representar as águas. Por outro lado, a partir da relação de reciprocidade que se estabelece entre a etnóloga e os pescadores, surge um personagem mítico masculino, chamado de tritão.

PALAVRAS-CHAVE: Mitologia; Comunidades Tradicionais de Pesca; Espaço Mítico; Iemanjá; Nossa Senhora dos Navegantes; Sereias; Tritões.

ABSTRACT

This work is ethnological and ethnographic nature and intends to identify the empirical categories used by the residents of the Colônia de Pescadores Z-3 to assign a meaning to the aquatic environment. The mythological

aquatic characters of this colony show the feminine character, used locally and globally to represent the waters. On the other hand, from the reciprocity relationship established between the ethnologist and the fishermen, the mythical male character, called the triton, emerges.

KEYWORDS: Mythology; Tradicional Fishing Communities; Mythical Space; Iemanjá; Nossa Senhora dos Navegantes; Mermaids; Tritons.

INTRODUÇÃO

Este ensaio compõe parte da minha dissertação de mestrado¹, que foi sendo realizada através do Programa de Pós-graduação em Antropologia, da Universidade Federal do Pelotas (UFPEL), e se intitula “Saberes e Poderes: Um estudo Etnológico, Etnográfico e Etnoceanográfico das Narrativas Míticas da Colônia de Pescadores Z-3, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil”. Este projeto de pesquisa me proporcionou desenvolver um trabalho de campo na Colônia de Pescadores Z-3, entre agosto de 2015 e junho de 2016, quando residi junto aos pescadores e pescadoras e coletei narrativas e hábitos desta comunidade.

O objetivo deste ensaio é expor algumas das narrativas mitológicas aquáticas coletadas durante o trabalho de campo, a fim de identificar as categorias empíricas presentes nessas narrativas que atribuem um sentido ao viver na Colônia de Pescadores Z-3. As categorias empíricas presentes nas narrativas míticas indicam a maneira como os pescadores e pescadoras da Colônia Z-3 se relacionam com o ambiente aquático e, por conseguinte, produzem uma cultura ligada à atividade pesqueira.

Para nos aprofundarmos nos personagens mitológicos aquáticos e costeiros que surgem nestas narrativas – a orixá Iemanjá, a Nossa Senhora dos Navegantes, as sereias e os tritões – trago também a análise etnológica de Ari Pedro Oro e José Carlos dos Anjos (2009), sobre a Festa dos Navegantes, em Porto Alegre; Marília Kosby (2008), que faz uma etnografia da Festa de Iemanjá na praia do Barro Duro, em Pelotas; Roberto Amado (2011), que levanta características da Festa de Iemanjá em Salvador, na Bahia, trazendo um mito sobre Iemanjá; e por fim Câmara Cascudo (1959 e

¹ Este artigo foi elaborado em primeira pessoa, pois se trata de um trabalho de cunho etnográfico, produzido a partir dos diários de campo da autora. Além disso, este texto recebeu a orientação e revisão dos pesquisadores Rogério Reus Gonçalves Rosa e Gustavo Goulart Moureira Moura, coautores do presente artigo.

1972), autor do “Dicionário do Folclore Brasileiro”, que descreve as características de uma série de personagens míticos aquáticos e costeiros, entre eles as sereias e a orixá lemanjá.

Além disso, como pano de fundo para esta discussão, utilizo dados do meu diário de campo, com enfoque em uma etnografia de um ritual umbandista e da Festa dos Navegantes, ambos na Colônia de Pescadores Z-3, e também dados etnográficos que coletei em São José do Norte, Rio Grande do Sul, Brasil, durante as festas de lemanjá e Nossa Senhora dos Navegantes no dia 2 de fevereiro de 2015. A cidade de São José do Norte é margeada por colônias de pescadores e pescadoras, como a região chamada de Retiro nesta mesma cidade, onde minha avó nasceu.

Desta maneira, procuro expor o início de uma investigação sobre as categorias empíricas utilizadas pelas populações de pesca tradicional, em especial da Colônia de Pescadores Z-3, para experienciar, apreender e (con)viver com os ambientes lagunares, costeiros e marítimos.

A orixá lemanjá, a santa católica Nossa Senhora dos Navegantes e também as sereias evidenciam o caráter ligado ao feminino, utilizado local e globalmente para representar o simbolismo das águas, sendo elas marítimas, costeiras ou lagunares. Estas representações estão nas narrativas míticas dos moradores e moradoras das comunidades que margeiam a Lagoa dos Patos, nos rituais umbandistas e católicos que acontecem na beira d'água, e também nas embarcações pesqueiras que adentram o ambiente aquático para homenagear estas figuras femininas.

Por outro lado, quando eu, agora enquanto etnóloga passo a investigar estas figuras míticas, começo a montar, através das narrativas, imagens de lemanjá, de Nossa Senhora dos Navegantes e das sereias e, assim, lanço questionamentos aos moradores da Colônia Z-3 quanto a ideia que passo a formar desses seres sobre-humanos. Assim, invertem-se os papéis, pois eu passo também a levar narrativas para o campo, ao invés de somente coletá-las. Nesta relação de reciprocidade, com a necessidade de atualizar estes personagens, surgem os tritões.

Este ensaio se divide em quatro tópicos. O primeiro deles, intitulado “A Colônia de Pescadores Z-3” apresenta esta comunidade tradicional de Pelotas através de dados etnográficos e de uma bibliografia que trata especificamente da Colônia Z-3. O tópico seguinte, que se chama “A santa Nossa Senhora dos Navegantes e a orixá lemanjá: o devir católico e afro-religioso”, apresenta estas duas personagens míticas e, através delas, o devir católico e afro-religioso que acontece na Colônia de Pescadores Z-3. O terceiro tópico intitulado “A intimidade entre a orixá lemanjá e as Sereias” delinea algumas características atribuídas pelos humanos aos ambientes aquáticos através da orixá lemanjá e das sereias e também apresenta algumas expressões da relação entre os humanos e estas não-humanas

aquáticas. Por fim, o último item, intitulado “As Sereias e os Tritões: uma sociedade subaquática”, apresenta o personagem mítico chamado de Tritão, um personagem não-humano aquático, no qual se expressa a reciprocidade que aconteceu entre eu, enquanto uma investigadora de mitos aquáticos e os pescadores.

A COLÔNIA DE PESCADORES Z-3

Nas margens do canal São Gonçalo, que liga a Lagoa dos Patos a Lagoa Mirim, se localiza o município de Pelotas, onde se encontra a Colônia de Pescadores Z-3. Classificada como área rural de Pelotas, no 2º distrito do município, essa colônia de pescadores e pescadoras se distancia do centro urbano por aproximadamente vinte quilômetros (NIERDELE *et al*, 2005).

Este núcleo de pesca tradicional se constituiu a cerca de quarenta anos atrás na Ilha da Feitoria, localizada na Lagoa dos Patos, a cerca de uma hora de barco do local onde se encontra atualmente esta colônia. Uma moradora da Colônia de Pescadores Z-3 chamada de Laci, que chegou a morar na Ilha da feitoria, disse que esta ilha era habitada por aproximadamente quinhentos pescadores e pescadoras artesanais. Entretanto, por estas pessoas viverem a uma distância considerável do centro urbano de Pelotas, elas tinham dificuldades para acessar os serviços públicos oferecidos pelo município.

Desta forma, o difícil acesso ao centro urbano Pelotas é um dos motivos pelos quais os moradores deixaram de viver na Ilha da Feitoria e transferiram suas residências para o balneário dos prazeres, próximo a praia do Barro Duro. Apesar desta mudança de localização, a maior parte das famílias que vivem na Colônia de Pescadores Z-3 continuam a ter uma relação produtiva ou reprodutiva com a atividade pesqueira e os saberes desta comunidade são transmitidos entre as gerações através da oralidade e das práticas culturais.

A atividade pesqueira tradicional, por ser influenciada por fatores ecológicos, faz com que os pescadores e pescadoras estabeleçam uma relação íntima diante da natureza (ADOMILLI, 2007). Assim, as histórias míticas desta região estão, de uma maneira ou de outra, ligadas ao ecossistema aquático e se colocam sobre as formas de saber e fazer na Colônia Z-3, participando da construção da micropolítica local (RIBEIRO, 2012). Portanto, a mitologia apresenta a cosmologia desta comunidade, ao mesmo tempo que se materializa na ordem sociológica da Colônia de Pescadores Z-3.

Na Colônia de Pescadores Z-3, por exemplo, Angelita Ribeiro (2012)

identificou que o universo masculino é representado pela dimensão *maior* do “mar”, como é chamada a Lagoa dos Patos pelos pescadores e pescadoras, enquanto que o universo feminino é representado pela dimensão *menor* da “casa”. Entretanto, o poder que a mulher detém nesta comunidade é representado, na ordem cosmológica, através de uma personagem perigosa, capaz de matar: a bruxa. A bruxa evidencia a potência feminina que pode ser deflagrada no cotidiano e nas narrativas da Colônia Z-3. Enquanto que os homens são apresentados na mitologia através da figura do lobisomem. Este personagem mítico masculino e terrestre é menos poderoso do que a bruxa, pois os lobisomens “metem medo”, mas não há relatos de que sejam capazes de matar (RIBEIRO, 2012).

Além disso, a Colônia de Pescadores Z-3 apresenta na sua mitologia uma história de devires entre culturas, com personagens europeus, indígenas e africanos que se encontram em um mesmo território (RIBEIRO, 2012). Entre estes personagens estão, além das bruxas e dos lobisomens, a orixá Iemanjá, as sereias e os tritões que surgem na minha etnografia por meio de rituais afro-religiosos. Portanto, a mitologia da Colônia de Pescadores Z-3 nos apresenta uma cosmologia que esta entre culturas, ou seja, as epistemologias não se sobrepõem e nem são um somatório de pontos de vista, mas se encontram nesta comunidade tradicional, produzindo um estado constante de (re)significação.

Assim, o que me aproximou da mitologia das águas na Colônia de Pescadores Z-3 foram os espaços afro-religiosos, chamados de terreiras e também a Festa dos Navegantes, em homenagem a Nossa Senhora dos Navegantes e a Iemanjá. No tópico a seguir apresento estas duas personagens míticas, uma católica e outra afro-religiosa, que se encontram em um mesmo território, na Lagoa dos Patos e na Colônia de Pescadores Z-3.

A SANTA NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES E A ORIXÁ IEMANJÁ: o devir católico e afro-religioso

Ao longo do período em que estive morando na Colônia de Pescadores Z-3 eu registrava no diário de campo desde hábitos dos moradores até conversas que tínhamos sobre os mais variados assuntos, mas sem dúvida o meu olhar era mais atento quando o “prumo da prosa” seguia em direção a Lagoa dos Patos, enquanto um território aquático, habitado por personagens míticos.

O que me deixava mais próxima dessas narrativas eram as terreiras de umbanda e linha-cruzada e seus frequentadores, além da Festa dos Navegantes, que acontece todos os anos no dia 2 de fevereiro. Desta

forma, eu passei a frequentar estes espaços rituais afro-religiosos e católicos. Assim, na medida em que adquiria mais narrativas e personagens míticos aquáticos mais perguntas me vinham à mente e tratavam de caracterizar este território das águas, fazendo-me compor imagens e sensações atribuídas às personagens míticas que habitam o mar e, por vezes, representam o próprio ambiente aquático em sua totalidade, como Iemanjá e Nossa Senhora dos Navegantes.

A santa Nossa Senhora dos Navegantes é uma das imagens da Virgem Maria, a mãe de Jesus, sendo atribuída ainda a sua capacidade de proteger os navegantes, pois as águas estão sob seus domínios segundo os pescadores e pescadoras do entorno da Lagoa dos Patos. Por conta disso, os barcos de emalhar, em São José do Norte, que vão "pra fora", como se diz quando se navega em mar aberto, e os caícos e bateras na Colônia de Pescadores Z-3, que vão para o "mar", como os pescadores e pescadoras chamam a Lagoa dos Patos, todos os anos no dia 2 de fevereiro levam a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes para um passeio tranquilo na Lagoa dos Patos, em uma procissão fluvial que à homenageia.

Entretanto, antes mesmo da procissão fluvial, na Colônia de Pescadores Z-3, acontece uma procissão em terra, que percorre as ruas desta comunidade. A imagem de Nossa Senhora dos Navegantes, sobre uma miniatura de um barco cheio de flores, sai da igreja da Colônia Z-3 nos braços de cerca de oito pescadores, que vão se revezando ao longo do circuito que percorre toda esta vila. Os moradores da Colônia Z-3 se referem à santa católica carinhosamente como "Santinha", demonstrando a sua intimidade com Nossa Senhora dos Navegantes.

Assim, todos os anos, os pescadores que carregam a santa agradecendo pelas bênçãos que Nossa Senhora dos Navegantes os concedeu no ano anterior e pedindo para que este ano ela não os esqueça. Desta forma, algumas orações dos pescadores e das pescadoras para Nossa Senhora dos Navegantes convergem em pedidos comuns, como as que pedem pelo êxito nas pescarias, para que os homens não sofram acidentes no mar e pela saúde das famílias. Trago a seguir um trecho do meu diário de campo que descreve esta procissão e também ilustra alguns dos pedidos dos pescadores e pescadoras.

A procissão terrestre segue pela vila entoando cânticos puxados pelo padre da paróquia da comunidade, que leva um microfone ligado a um carro de som. Nas calçadas e nos pátios das casas, sentadas nas cadeiras de praia, na beira das cercas ou nas janelas, as pessoas esperam a passagem da santa dos navegantes. A procissão vai parando na frente de algumas casas, onde os moradores aguardam a passagem da imagem de Nossa Senhora dos

Navegantes, carregada pelos pescadores. O padre, no microfone, começa, então, a ofertar uma bênção às famílias que vivem em cada casa que a procissão parava. A bênção era vigorosa, pois todos participavam desta oferta, seja com as mãos abertas, levantadas para o alto e voltadas de frente para a casa, ou através das orações em voz alta de um pai-nosso e de uma ave-maria. [...] A procissão em homenagem a Nossa Senhora dos Navegantes, na Colônia Z-3, através dessas pequenas paradas, apresentava a história da comunidade, pois conforme íamos caminhando por esta vila de pescadores, eu escutava os moradores contando sobre as famílias desta colônia, onde e como viviam. Além disso, eram mencionados pelos que participavam da procissão quais eram os moradores mais antigos, com expressões do tipo “o seu Ivo é um dos fundadores da Z-3”, e também se falava sobre aquelas pessoas consideradas importantes ou queridas pela comunidade, como é o caso da Dona Nilza, uma benzedeira. Além disso, também se comentava sobre as relações de parentesco entre os moradores da Colônia de Pescadores Z-3 (Diário Etnográfico - Colônia de Pescadores Z-3, 01 de fevereiro de 2016).

Este ritual em homenagem a Nossa Senhora dos Navegantes, através das bênçãos oferecidas pela procissão em terra, fortalece as relações entre os moradores da colônia, pois os moradores da vila caminham em procissão, ofertando bênçãos uns aos outros, pedindo por uma boa pescaria e pela proteção dos pescadores no mar. A cooperação entre os moradores da Colônia Z-3 inicia, desta forma, a partir das súplicas para as forças da natureza, representadas através da santa católica Nossa Senhora dos Navegantes, protetora das viagens e dona do mar. Além disso, na procissão em homenagem a esta santa católica as gerações mais novas passam a ter contato com as histórias dos mais velhos e além de serem apresentados aqueles considerados muito importantes para a comunidade, como é o caso da benzedeira Dona Nilza.

A procissão parou em frente à casa da dona Nilza, benzedeira da Colônia de Pescadores Z-3, em agradecimento, por ajudar tantas pessoas na comunidade. A Dona Nilza recebia a bênção, com um sorriso no rosto, por detrás da cerca viva da frente da casa dela, de onde ela tira as folhinhas pra fazer a benzedura (Diário Etnográfico - Colônia de Pescadores Z-3, 01 de fevereiro de 2016).

Segundo Maria Tereza, minha avó, ex-moradora da Colônia de

Pescadores do Retiro, em São José do Norte, antigamente as famílias que moravam “pra fora” não tinham acesso aos serviços de saúde pública. O que havia nessas comunidades eram as benzedeadas que, segundo Maria Tereza, eram pessoas que tinham o “dom da cura”. Hoje em dia, na Colônia de Pescadores Z-3 a dona Nilza continua sendo muito solicitada, apesar de haver um posto de saúde na comunidade e, atualmente, ser muito mais fácil o acesso ao centro de Pelotas, o que evidencia uma confluência entre as práticas da medicina tradicional e das benzeduras. Desta forma, durante a procissão em homenagem a dona das águas, Nossa Senhora dos Navegantes, não faltam súplicas pela saúde das pessoas da comunidade.

A procissão seguiu em direção à outra residência da Colônia de Pescadores Z-3, a casa de um senhor que recebeu a benção muito emocionado, derramando lágrimas dos olhos, enquanto o padre pedia pela saúde de uma pessoa que estava doente naquela casa. Outras duas casas que foram homenageadas pela procissão eram o lar de senhoras de mais de 100 anos, a procissão pedia pela saúde delas, enquanto as senhoras observavam aquele movimento da janela de sua casa, segurando a cortina branca que teimava em tapar os seus olhos.[..] A procissão também parou para abençoar os altares que as famílias montaram em frente as suas casas, com as imagens dos santos que elas tinham em suas residências e com garrafas de água, para serem abençoadas pela procissão à Nossa Senhora dos Navegantes. Esta água, abençoada, era compartilhada entre todos da família, para prevenir doenças, curar os doentes e, também, para trazer paz de espírito (Diário Etnográfico - Colônia de Pescadores Z-3, 01 de fevereiro de 2016).

Assim, esta procissão em terra em homenagem a Nossa Senhora dos Navegantes, que precede a procissão fluvial na Lagoa dos Patos, além de fortalecer os laços entre os pescadores e pescadoras desta comunidade, apresenta um outro poder da protetora dos pescadores e de suas famílias, que não está ligado apenas a atividade pesqueira. A procissão dos Navegantes, através das bênçãos que oferta: aos doentes; a residência da benzedeadora Dona Nilza; e também aos anciãos da Colônia Z-3; apresenta o poder de cura e de preservação da saúde atribuído pelos pescadores e pescadoras à santa católica Nossa Senhora dos Navegantes. Portanto, esta procissão à santa católica apresenta mais uma dimensão utilizada pelos humanos, local e globalmente, para caracterizar o ambiente aquático que é a sua potência curativa, principalmente pelos ambientes aquáticos serem constituídos pelo elemento água, essencial para o manutenção da vida.

A minha avó Maria Tereza me contou, por exemplo, que as

benzedoras do Retiro – colônia de pescadores de São José do Norte, onde ela morava quando era criança – curavam a dor de cabeça das moças, colocando um copo de água sobre a cabeça da moça que tinha enxaqueca, enquanto fazia as rezas. A água, por conseguinte, "fervia", "borbulhava". Era a dor de cabeça "indo embora". Além disso, os altares feitos pelos moradores da Colônia de Pescadores Z-3 tinham uma garrafa d'água, para ser abençoada, para que todos os familiares a bebesses e, assim evitassem problemas de saúde.

Por outro lado, também percebemos que a Festa dos Navegantes tem o poder de desencadear o estabelecimento de redes entre os moradores da Colônia Z-3 como quando, por exemplo, eu busquei por uma embarcação para participar da procissão fluvial.

Para participar da procissão fluvial em um dos botes ou caícos que saía da Z-3, por exemplo, eu e o Deleon fomos à casa do pescador Osmar. Ele era marido da Joice, irmã da Deti, que conheci logo que cheguei na Colônia Z-3 por ela ter um restaurante muito famoso e recomendado por todos os moradores aos turistas que chegam pela primeira vez na comunidade. Por outro lado, o Deleon trabalhava como proeiro na batera do Osmar, e foi com este pescador que eu fui até a casa da Joice e do Osmar perguntar se eu, a minha irmã Juliana e o Deleon, podíamos acompanhá-lo na procissão fluvial. Na embarcação do seu Osmar, uma batera, iriam conosco os familiares e alguns conhecidos que trabalhavam com o mestre de barco Osmar (Diário Etnográfico - Colônia de Pescadores Z-3, 31 de janeiro de 2016).

Da mesma forma, algumas situações que acontecem ao longo da procissão fluvial evidenciam o estabelecimento de redes de pessoas que compartilham instrumentos e também saberes, como a que narro a seguir.

A Deti também iria conosco na batera do seu Osmar, mas acabou chegando atrasada, pois o Osmar gostava de sair um pouco antes dos outros barcos, para evitar acidentes na saída. Então, no meio da procissão, vimos a Deti em outro barco e demos risada mexendo com ela dizendo: "agora tu vai ter que ir aí", como se ela pudesse trocar de embarcação. Entretanto, o Deleon lembrou que, nos outros anos em que ele acompanhou a procissão, ele ficava indo de um bote para o outro, que os amigos passam e chamam as pessoas pra trocar de bote. Então, a pessoa pede pro dono da embarcação: "Encosta ali no bote tal" ou se os dois botes estão ancorados e estão todos na água acontecem trocas de embarcações (Diário

Etnográfico – Colônia de Pescadores Z-3, 02 de fevereiro de 2016).

Além disso, a Festa dos Navegantes estabelece um espaço em que acontece o compartilhamento de cosmologias, pois homenageia tanto a santa católica Nossa Senhora dos Navegantes como a orixá das religiões afro lemanjá. Desta forma, estão presentes nesta festividade expressões de sincretismo religioso, como os que descrevo a seguir.

A Colônia Z-3 estava toda em festa no início de fevereiro, muitos eram os preparativos para receber os fiéis que vinham de outras colônias de pescadores e de outros bairros de Pelotas, para prestigiar a Festa dos Navegantes na Colônia Z-3. A igreja reformou um espaço externo para colocar as barraquinhas de comidas típicas oferecidas pelos moradores da colônia, como a tainha assada. As casas eram enfeitadas com bandeirinhas azuis e brancas, assim como a rua Raphael Brusque, principal via da Colônia de Pescadores Z-3. [...] Em uma casa foi colocada uma faixa que homenageava a santa Nossa Senhora dos Navegantes e também a orixá lemanjá que dizia: “Viva as nossas Rainhas”. Na mesma faixa havia uma ilustração de lemanjá, com um longo manto azul que se dobrava no seu corpo, e outra ilustração de Nossa Senhora dos Navegantes, sobre um barco. [...] Na Divinéia, como é chamado um atracadouro das embarcações de pesca dos moradores da Z-3, observei que havia uma mesinha de madeira, coberta por uma toalhinha branca com barquinhos azuis em miniatura, usados, geralmente, para oferendas à lemanjá, cobertos de presentes, como leques, perfumes, espelhos, brincos e colares para vender aos festeiros, evidenciando que as homenagens não se restringiam a santa católica, mas também eram ofertadas a orixá lemanjá (Diário Etnográfico – Colônia de Pescadores Z-3, 01 de fevereiro de 2016).

Além disso, acontece um encontro entre as imagens da santa católica Nossa Senhora dos Navegantes e da orixá lemanjá, das religiões afro-brasileiras, no dia 02 de fevereiro durante a procissão fluvial feita pelos pescadores e pescadoras da Colônia Z-3, descrevo este encontro a seguir.

A última parada realizada ao longo da procissão fluvial é na praia do Barro Duro, onde acontece o encontro entre a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes, levada pelos pescadores e pescadoras da Colônia Z-3 em procissão

fluvial, e da orixá lemanjá, carregada nas costas dos fiéis afro-religiosos para dentro d'água, em uma profundidade que chega a atingir o peito dos mais altos que levam a santa nas costas e tem o intuito de chegar o mais próximo possível das embarcações que vem da Colônia Z-3 em procissão fluvial.

Além disso, uma das embarcações que veio da Colônia de Pescadores Z-3 até a praia do Barro Duro, acompanhando a santa Nossa Senhora dos Navegantes carregava afro-religiosos que entoavam cantos típicos dos rituais de terreira, embalados por tamboreiros que “surravam” os atabaques na embarcação, uma das maneiras dos afro-religiosos se referirem ao ato de tocar os atabaques. Um dos rapazes que acompanhava a procissão fluvial comigo, dentro da embarcação do pescador Osmar, me disse que os fiéis fazem uma festa de terreira em homenagem a lemanjá dentro deste barco.

Na chegada da procissão fluvial que vinha da Colônia de Pescadores Z-3 na Praia do Barro Duro, os festeiros que estavam dentro da lagoa dos Patos jogavam água pra cima, saudando a santa católica e a orixá lemanjá, com uma espécie de chuva prateada. As águas estavam cobertas de flores, ofertadas pelos católicos e afro-religiosos à Nossa Senhora dos Navegantes e à lemanjá. Desta forma, não era mais possível distinguir a quem os fiéis dedicavam suas preces (Diário Etnográfico - Colônia de Pescadores Z-3, 02 de fevereiro de 2016).

Essas situações da busca por uma embarcação para acompanhar a procissão nas águas em homenagem a Nossa Senhora dos Navegantes e lemanjá; a troca de pessoas que acontece entre as embarcações; o fato de podermos nos comunicar com pessoas dentro dos barcos e entre os barcos; e, além disso, o encontro entre a santa católica Nossa Senhora dos Navegantes e orixá lemanjá evidenciam a importância da procissão fluvial para o fortalecimento das relações entre as pessoas que vivem na Colônia de Pescadores Z-3, inclusive por que permite a criação de um espaço de encontro entre cosmologias diferentes, como a católica e a afro-religiosa.

Por outro lado, o fato das homenagens católicas e afro-religiosas acontecerem simultaneamente não dilui as não-humanas cultuadas em apenas uma personagem mítica, sendo notável durante toda a cerimônia que esta festa homenageia a santa católica e também a orixá. Assim, na Festa dos Navegantes da Colônia de Pescadores Z-3 podemos identificar uma série de simbologias que caracterizam a presença simultânea da orixá lemanjá e da santa católica Nossa Senhora dos Navegantes, entre elas estão: a faixa com ilustrações de ambas as figuras religiosas femininas,

reverenciando-as como “Rainhas dos Mar”; a oferta de artigos religiosos para lançar às águas em homenagem a lemanjá na festa para Nossa Senhora dos Navegantes; o encontro da santa católica, vinda da Colônia de Pescadores Z-3, com a orixá lemanjá na praia do Barro Duro; a embarcação com os fiéis afro-religiosos, vindos da Colônia de Pescadores Z-3, entoando cânticos em homenagem a lemanjá.

As narrativas que tratam de lemanjá explicam, em certa medida, o que aproxima estas duas personagens míticas aquáticas. A mãe de santo Cláudia Félix, de São José do Norte, me narrou, dias antes da festa de lemanjá de 2014 de São José do Norte, por exemplo, o seguinte episódio que ilustra a relação da orixá lemanjá com águas e também com a figura materna:

O filho se apaixona pela mãe, "Mãmãe lemanjá". Ele chamou-a de dentro das águas pedindo seu auxílio. lemanjá saiu do mar, território de seu domínio e foi levada pelo filho para o alto de uma torre sobre um penhasco a beira mar, ali foi trancafiada. Seu filho fez isso porque sabia que em contato com a água ela se perderia na imensidão oceânica. lemanjá foi enganada pelo filho, ela não concordava com o incesto e por isso as lágrimas salgadas vertiam do seu rosto, diluindo seu corpo. O corpo de lemanjá era agora água salgada escorrendo pelas pedras que sustentavam a torre, em direção ao mar. lemanjá é uma mulher de fartos seios, uma mãe cheia de sensualidade. O seu filho se apaixonou por ela. Ao banhar seu colo com suas lágrimas de sal consegue fugir da torre onde está aprisionada diluindo-se em água, transformando-se em mar (Diário Etnográfico - São José do Norte, 13 de janeiro de 2015).

Esta face materna de lemanjá faz convergir para ela orações no estilo católico, sendo também invocada como Nossa Senhora, Virgem Santa (CASCUDO, 1959). Entretanto, a orixá lemanjá carrega uma característica que não é atribuída às santas católicas Nossa Senhora dos Navegantes e à Virgem Maria e que está presente nesta narrativa de Claudia Félix, que é a sua sensualidade e beleza.

A sensualidade de lemanjá, carregada nas linhas do seu corpo, é uma representação da “efetuação palpável de tudo o que é belo” (ORO e ANJOS, 2009, p. 105). A fartura dos seus seios delineia a grandiosidade do mar como conteúdo, substância da doação sem limites, pois sem a intensidade adequada há um desequilíbrio na realização do ato, das linhas que marcam o infinito oceânico (ORO e ANJOS, 2009). Segue a baixo uma imagem da santa dos navegantes, homenageada tanto por católicos como

por afro-religiosos, e que está na entrada da praia do Mar Grosso, em São José do Norte.

A santa Nossa Senhora dos Navegantes, por carregar a imagem de mãe, protetora dos navegantes, é permeada pela episteme da orixá Iemanjá das religiões Afro, como bem lembrou Cascudo (1959). Entretanto, o que tem sido chamado de sincretismo é um fenômeno de deslizamento de meios uns sobre os outros, sendo cada um deles definido por um regime específico de enunciação. No caso da orixá Iemanjá e da santa Nossa Senhora dos Navegantes, por exemplo, os conceitos compartilhados para delinear-las, não se sobrepõe de maneira a encontrar hipóteses comuns, homogeneizando pontos de vista distintos, mas procuram preservar a diversidade através de mediações nas intensidades do ato (ORO e ANJOS, 2009).

Figura 1: Imagem reverenciada no dia das comemorações de Iemanjá na Praia do Mar Grosso, São José do Norte.



Fonte: Foto do acervo de Carolina Bittencourt, 2015.

Esta conceptualização de sincretismo de Oro e Anjos (2009) pode ser percebida na análise de Kosby (2008) da Festa dos Navegantes no Barro Duro, quando esta autora afirma que o que caracteriza o cruzamento desta homenagem à Iemanjá e à Nossa Senhora dos Navegantes, no caso das epistemes religiosas, são os próprios fiéis, que mesmo não adotando em seu discurso louvor ao “santo dos outros”, trazem com recorrência o respeito à diversidade.

Na etnografia que realizei na Colônia de Pescadores Z-3 durante a

Festa dos Navegantes podemos perceber uma série de exemplos em que as diferentes epistemes religiosas se encontram em espaço de respeito a diversidade e que, por conseguinte, elas recebem impulsos para se (re)significarem, entre estes exemplos estão: a parada da procissão católica para orar em frente a casa da benzedeira dona Nilza; a faixa que homenageia simultaneamente a orixá Iemanjá e a santa católica Nossa Senhora dos Navegantes, mostrando que estes personagens míticos não se fundem em uma imagem; o encontro entre a santa católica e a orixá na praia do Barro Duro; e a participação de fiéis afro-religiosos e católicos em uma mesma cerimônia, a Festa dos Navegantes.

Além disso, assim como analisaram Oro e Anjos (2009) para a Festa dos Navegantes em Porto Alegre, as homenagens que acontecem no dia dois de fevereiro na Colônia de Pescadores Z-3 preservam tanto a imagem da orixá Iemanjá, quanto da santa católica Nossa Senhora dos Navegantes, de maneira que suas características não se fundem em apenas uma personagem, mas se complementam para dar sentido ao mar.

Desta forma, o ambiente aquático é representado através de múltiplas intensidades, não excluindo diferenças, mas procurando multiplicá-las com a intensão de significar da maneira mais completa possível as águas. Portanto, duas personagens míticas femininas confluem enquanto poderosas no ambiente aquático, são elas: Nossa Senhora dos Navegantes – também chamada de Maria, mãe de Jesus – e Iemanjá. Além disso, estas deusas marítimas carregam também uma dubiedade na medida em que, ao mesmo tempo que protegem e cuidam os pescadores e pescadoras, também castigam e matam.

Esta antítese está presente na fala de uma das moradoras da Colônia Z-3, a Raida, sobre Nossa Senhora dos Navegantes quando ela reprova uma atitude masculina dizendo:

Não adianta nada eles pedirem proteção pra Santinha porque ela está vendo tudo que eles estão fazendo. E a natureza dá o retorno de tudo. Se eles estão prejudicando ela agora, terão de volta mais adiante. Não é que a natureza seja má, mas ela não aceita ser enganada (Diário Etnográfico – Colônia de Pescadores Z-3, 20 de setembro de 2015).

Da mesma forma, também a orixá Iemanjá é atribuída uma dimensão de perigo quando esta deusa das águas é mencionada pelos afro-religioso como “Sereia do Mar”. Na cantiga de capoeira, por exemplo, diz-se “Minha, Rainha, Sereia do Mar. Não deixa o meu barco virar”. Em narrativas coletadas por Cascudo (1959), por exemplo, os pescadores norte-rio-grandenses disseram que o mar é um ser de muitas vontades,

gostos e manias de prolongação suspeita.

A orixá lemanjá também não aceita que caçoem de seus grandes seios e por deles caçoarem é que ela criou as águas, segundo Kosby (2008). A seguir trago este mito a partir das minhas palavras: Ao beber o vinho de palma, Oxalá descumpriu a promessa de não caçoar dos enormes seios de lemanjá. As lágrimas dessa santa escorreram pelo seu busto, transformando-se em dois rios que viriam a ser o mar, a sua morada. O oceano invadiu a Lagoa dos Patos naquela noite e a água doce salgou para dar lugar ao mar.

No livro “Festa nas Águas”, de Roberto Amado (2011), ao descrever a cerimônias que acontecem na Bahia em homenagem a lemanjá, o autor também traz uma narrativa, que evidencia a relação da orixá com as águas salgadas, destacando a sua rebeldia em relação ao marido, e que trago a seguir.

A orixá lemanjá é filha de Olokum, deus do mar, e se casou com Olofin-Odudua, um orixá com o qual teve dez filhos. De tanto amamentar, os seios de lemanjá ficaram enormes e ela se cansou da vida que levava ao lado de Olofin-Odudua e resolveu fugir em direção ao entardecer da terra. Lá, por ser muito bonita, conquistou outro orixá, chamado de Okerê. Entretanto, em uma noite, Okerê chegou bêbado e tropeçou em sua esposa, lemanjá. A orixá feminina ficou furiosa, então, ele caçoou dos seus enormes seios, dizendo que eram compridos e balançantes. Então, lemanjá fugiu novamente, mas Okerê não aceitou a sua fuga e colocou os seus guerreiros para persegui-la. lemanjá, vendo-se cercada, lembrou que seu pai Olokum, havia lhe dado uma garrafa e recomendado a lemanjá, que só abrisse-a em caso de necessidade. Então, lemanjá resolveu abri-la e dela nasceu um rio de águas tumultuadas que levaram lemanjá de volta para a casa do seu pai, o oceano, nunca mais retornando a terra (AMADO, 2011).

Esta face de Nossa Senhora dos Navegantes e de lemanjá, por vezes vingativa e perigosa, tem relação com o sentido atribuído ao mar por aqueles que vivem na beira d’água. Segundo Gianpaolo Adomilli (2009), o ambiente aquático, apesar de ser fonte de alimento, é considerado adverso e onipotente pelos pescadores que vivem no entorno do estuário da Lagoa dos Patos, por conta disso, o estabelecimento de redes de compartilhamento de informações e instrumentos são essenciais enquanto estratégias de cooperação em ocasiões de resgate. Assim, a santa e a orixá dos pescadores, chamada muitas vezes pelos moradores da Z-3 de mãe, também castiga e mata.

Assim, a produção de sentido para o mar, que no caso da Lagoa dos Patos é um mar quase doce, se materializa através de formas humanas femininas. Da santa católica Nossa Senhora dos Navegantes diz-se que é uma mãe, como a Virgem Maria, que gera vidas e também cura doenças.

Esta santa católica domina as águas, os cardumes e as tempestades, por isso, ao mesmo tempo que protege os navegantes, também castiga e mata. Por outro lado, a orixá lemanjá, além de ser uma mãe de fartos seios é também padroeira dos amores, carregando nas linhas do seu corpo a sensualidade e a beleza. A orixá, também chamada de Rainha das Águas, controla o elemento água e tem a forma do próprio oceano, que é infinito e desconhecido, sendo considerada protetora das viagens e a sua dimensão de perigo é simbolizada através da associação da lemanjá a uma personagem mítica sedutora e enganadora, chamada de Sereia.

Quando nos debruçamos sobre estas figuras míticas, lemanjá e Nossa Senhora dos Navegantes, e sobre a produção de sentido para o elemento água nos deparamos com um ambiente fértil e salutar, entretanto desconhecido e traiçoeiro, que são as lagoas e os mares. Por conseguinte, as pescarias não podem ser controladas pelos pescadores e pescadoras da mesma forma como se domestica o gado no campo, pois o mar e a Lagoa dos Patos são considerados adversos. Portanto, deve-se ter muita cautela ao trabalhar ou, até mesmo, banhar-se no mar, pois os ambientes aquáticos são traiçoeiros, cheio de perigos, ao mesmo tempo que são sedutores.

A etnografia do ritual em homenagem à santa católica Nossa Senhora dos Navegantes e a orixá lemanjá e também as narrativas míticas trazidas pela mãe de santo Cláudia Félix, pela a autora Kosby (2008) e pelo autor Amado (2011), somadas a descrição de Adomilli (2009) nos indicam que os povos que vivem na beira d'água, por cultuarem o mar através de imagens femininas aproximam a episteme humana do que é desconhecido, neste caso o próprio ambiente aquático. Desta forma, aqueles que convivem com a Lagoa dos Patos respeitam o que sobre ela não se conhece, optando por não se surpreenderem com situações de perigo, pois tomam uma postura cautelosa diante das águas.

Esta forma de representação, que não romantiza o ambiente aquático por ele ser gerador de tanta vida e, conseqüentemente de alimento, evidencia a experiência de alguém que convive com o mar não só no seu cotidiano, mas ao longo de muitas gerações. Desta forma, é a dimensão da experiência que delinea as características do ambiente aquático enquanto um ser feminino, poderoso, protetor, mas, ao mesmo tempo, vingativo e perigoso. Por conta disso, se torna imprescindível o fortalecimento das redes colaborativas entre os moradores, como as que acontecem na Festa dos Navegantes.

Os pescadores e pescadoras se fortalecem através destas festividades para que possam proteger uns aos outros nas situações de risco na Lagoa dos Patos, demonstrando o respeito a diversidade quando em um mesmo ritual são cultuadas tanto uma santa católica como uma

orixá das religiões afro-brasileiras. Neste “mar” sedutor e traiçoeiro, porém rico, os poderes de Nossa Senhora dos Navegantes e os lemanjá são bem-vindos para que os pescadores tenham uma boa pescaria e não sofram acidentes no mar.

Para sabermos mais sobre o território das águas, analisaremos no próximo tópico a ligação entre a orixá lemanjá e das sereias presentes nas histórias dos marujos, pois diz-se nessas narrativas que elas seduzem e levam os homens para o fundo do mar. Esta característica nos apresenta mais uma forma de representação empírica do oceano, que está associada ao pensamento. Sigamos então, para o próximo tópico, em que trago um ritual umbandista em que presenciei o canto das sereias e também narrativas dos moradores da Colônia Z-3 sobre estas personagens míticas aquáticas.

A INTIMIDADE ENTRE A ORIXÁ IEMANJÁ E AS SEREIAS

A canção interpretada por Maria Bethânia, intitulada “Yemanjá, Rainha do Mar” inicia mencionando os diversos nomes da orixá, dona das águas:

Quanto nome tem a Rainha do Mar?
 Quanto nome tem a Rainha do Mar?
 Dandalunda, Janaína
 Marabô, Princesa de Aiocá
 Inaê, Sereia, Mucunã
 Maria, Dona Yemanjá

Entre estas maneiras de se referir à orixá lemanjá está o nome “Sereia”, como também são chamadas Janaína e Mucunã, além da denominação “Sereia do Mar” (CASCUDO, 1959). A denominação Dandalunda, como foi explicado pela cantora Margareth Menezes, no programa Altas Horas (2011), também se refere a uma manifestação de Oxum da beira da cachoeira. Segundo Cascudo (1959), Oxum é a orixá dos rios e das fontes e seu grito anunciador é “hmm-hmm”, como o canto das sereias que escutei na beira da praia da Lagoa dos Patos, na noite do dia 4 de fevereiro de 2016, em um ritual umbandista na Colônia Z-3. A partir disso, neste tópico tenho o objetivo de ilustrar o devir entre a orixá lemanjá e as sereias.

Além de lemanjá ser mencionada frequentemente como sereia, as narrativas que trazem aparições, hábitos e a história da orixá lemanjá geralmente contam com a presença das sereias. As sereias aparecem nestes

relatos como uma mediadora entre os humanos e a entidade marítima lemanjá, como na narrativa da mãe de santo Claudia Félix, que coletei nas vésperas da Festa dos Navegantes em São José do Norte, em 2015.

A mãe de santo Claudia Félix me disse que a sereia lara leva os pedidos daqueles que vivem em terra para lemanjá. lara tem seu corpo dividido em dois: a parte inferior do corpo não possui pernas, é tomada por escamas, lembrando a nadadeira caudal de um peixe; a outra parte do corpo tem as curvas de uma bela mulher, profundamente sedutora. A cabocla lara aparenta ser frágil em meio às águas tão perigosas, incapaz de oferecer qualquer risco aos marujos. Entretanto, a sereia enganadora pode seduzir aqueles que a encontram, levando-os para as profundezas das águas (Diário Etnográfico – São José do Norte, 13 de Janeiro de 2015).

A descrição da aparência da sereia lara por Cláudia Félix e da manifestação de Oxum, chamada de Dandalunda pela cantora Margareth Menezes, apresentam um ser que habita as margens, seja da cachoeira ou do mar. A aparência física das sereias permite que elas transitem entre o ambiente aquático e terrestre. Esta capacidade de transito das sereias conflui com a descrição de hábitos da cabocla lara, feita por Cláudia Félix, enquanto uma entidade responsável por estabelecer uma comunicação entre o ser estritamente aquático, a orixá lemanjá, e seus filhos terrestres. Além disso, através do seu canto, a sereia engana e leva os marujos para o fundo das águas, mas também pode levar mulheres, como na narrativa que coletei da frequentadora de uma terreira de linha cruzada, a Keyla:

A Keyla contou que quando a sereia chegava na terreira, ocupando o seu corpo, ela ficava rolando no chão, por que as sereias não têm pernas, elas têm uma cauda. Certa vez, quando a Keyla foi levar uma bandeja de presentes para a sereia Janaína na beira da lagoa, ela quase morreu afogada, “não fosse a Andréia” disse ela, se referindo a mãe de santo da terreira de linha-cruzada que frequenta. A sereia Janaina “baixou nela” – como se diz quando acontece a possessão do corpo pelo espírito da entidade – e as sereias nadam, “coisa mais linda” disse a Keyla (Diário Etnográfico – Colônia de Pescadores Z-3, 18 de novembro de 2015).

Tanto a mãe de santo Claudia Félix quanto a afro-religiosa Keyla ao fazerem alusão às feições do corpo de uma sereia, enquanto uma personagem mítica que transita entre o humano e um animal marinho,

trazem a dimensão de perigo traduzida pelas sereias. Esta não-humana habita as profundezas das águas e também as suas margens, seduz através do seu canto “hmm-hmm”, podendo matar afogados pescadores e pescadoras.

Como bem lembra Cascudo (1959), as sereias são personagens que seduzem através do seu canto, os marujos, os navegantes e os pescadores, fazendo-os naufragar e morrer. Desta forma, em uma das atualizações do Dicionário do Folclore Brasileiro, Cascudo (1971) diz que a denominação “sereia”, enquanto uma personagem mítica enganadora e sádica, é portuguesa. Segundo o autor, isto se explica porque Portugal tinha uma cultura essencialmente marítima, em oposição aos povos indígenas brasileiros, sendo estes últimos mais diretamente ligados às águas interiores. Além disso, em relação à possibilidade desta denominação provir de um grupo negro, Cascudo (1971) afirma que nenhum grupo negro trazido para o Brasil era do litoral, mas sim trabalhavam como pastores e lavradores, tendo pouca influência sobre o folclore marítimo brasileiro.

Entretanto, a maneira como eu consegui me aproximar destes personagens míticos aquáticos e das narrativas que os carregam na Colônia de Pescadores Z-3 foi através da cultura negra, em especial a afro-religiosa, pois muitos dos seus rituais eram celebrados na beira d'água, justamente por que muitos dos espíritos cultuados pelos afro-religiosos são essencialmente aquáticos e costeiros. Assim, eu passei a frequentar duas terreiras da Colônia Z-3, uma delas da vertente de umbanda que tinha como cacique a Neida, e a outra de Linha-cruzada, onde a cacique era a Andréia. Por conseguinte, foi um dos espíritos que se manifestava na terreira da Neida, a pomba-gira Maria Mulambo, que me indicou uma pessoa que podia me falar mais sobre as sereias.

No ritual de encerramento a Maria Mulambo me perguntou se eu precisava de alguma coisa. [...] “O que tu quer tu tens que pedir, pede”. [...] Então, eu respondi: “Eu estou procurando mitos sobre as águas, histórias de sereias e de lemanjá, por exemplo”. A Maria Mulambo, então, me disse: “Hoje as sereias vão estar aí na praia e a lemanjá vai aparecer também. Então, tu te concentras bem, se tu puder ficar um pouco sozinha fica, te concentra, não deixa ninguém te atrapalhar, fica quietinha que hoje ela vai aparecer. Mas tu também tens que conversar com ela (me apontando uma integrante da corrente, a Maria Ondina), ela incorpora uma sereia e tem muitas histórias pra contar”. Então, ela foi até a dona Maria Ondina e disse pra ela: “Essa menina tem umas perguntas pra te fazer, tu responde pra ela”. Então, a

Maria Ondina disse: “Ai minha nossa, mas eu vou saber responder?”. E a Mulambo respondeu: “Vai sim” (Diário Etnográfico – Colônia de Pescadores Z-3, 04 de fevereiro de 2016).

O Deleon, filho da mulher que servia de cavalo-de-santo para a Maria Mulambo e que estava sentado ao meu lado neste momento do ritual disse para a Maria Ondina que eu queria saber “histórias da lemanjá”. Neste momento,

a Maria Ondina me contou que viu a orixá lemanjá uma vez, quando estava fazendo um trabalho para o pai do Deleon na praia, perto da ponte que demarca a entrada da Colônia Z-3. A orixá lemanjá apareceu como uma luz azul bem forte e grande, que só ela e outra mulher, que faziam o despacho na beira d’água, puderam ver (Diário Etnográfico – Colônia de Pescadores Z-3, 04 de fevereiro de 2016).

Quando escutei esta narrativa fiquei curiosa por mais detalhes, então perguntei se podia visitar a Maria Ondina pra ela me contar mais coisas sobre a Colônia de Pescadores Z-3 e sobre lemanjá. Ela concordou. Quando eu fui até a sua casa, a Maria Ondina me contou novamente este episódio, mas agora ela me dizia que o que havia visto era uma sereia.

A Maria Ondina e a sua irmã Neida foram até a casa do pai do Deleon fazer um trabalho, no bairro Areal, em Pelotas, e vieram despachar o material usado no serviço na praia do Totó, entre o Barro Duro e a Colônia Z-3. Quando chegaram na praia surgiu uma mulher na Lagoa dos Patos, com um manto azul “coisa mais linda”, disse a dona Ondina, e de braços abertos, como que recebendo o despacho. A Maria Ondina disse não poder ver as feições do rosto desta imagem feminina, que possuía uma forte claridade saindo de suas mãos e que as acompanhou, indo pela beira d’água, até a entrada da Colônia Z-3 (Diário Etnográfico – Colônia de Pescadores Z-3, 22 de abril de 2016).

Nesta ocasião, a Maria Ondina não se referiu a esta imagem como sendo lemanjá, mas sim como a imagem de uma sereia que cantava e disse: “sabe, ela cantava como nas lendas dos marujos que as sereias seduzem e levam pro fundo do mar, mas isso não é lenda, eu vi, é verdade”. Assim, estas figuras míticas aquáticas, lemanjá e as sereias, parecem estar em continuidade tanto na sua aparência como nos seus

hábitos.

Desta forma, apesar das águas serem consideradas fonte de vida e alimento, e serem representadas através da figura de lemanjá, uma mãe protetora, por exemplo, ao mesmo tempo, as águas podem ser perigosas, pois carregam seus filhos, através de naufrágios, atraindo-os com o canto das sereias ou mesmo tomando os corpos dos afro-religiosos e levando-os para o fundo do mar, como foi narrado por Keyla.

Entretanto, as sereias não apresentam apenas esta dimensão perigosa dos ambientes aquáticos, mas elas também levam pedidos dos seus filhos para a Rainha das Águas, lemanjá. Em outra ocasião, a Maria Ondina me contou sobre outra vez que a sereia surgiu das águas para ela, na Praia dos Junquinhos, na Colônia de Pescadores Z-3, descrevendo com ainda mais detalhes esta personagem.

A Maria Ondina me disse que uma vez viu uma sereia, junto com as suas companheiras de terra Cléia e Patricia – também sua sobrinha e filha, respectivamente – quando foram largar um despacho na beira da praia. A Maria Ondina disse que assim que elas deixaram o trabalho na água a sereia apareceu e veio acompanhando as três mulheres até um trapiche que já não existe mais, na altura de onde fica hoje o galpão de processamento de pescado chamado de Solisa. A sereia vinha mergulhando e surgindo de dentro da água, com um rosto muito branco e os cabelos negros, lisos e compridos. Os seus cabelos chegavam a alcançar a sua cauda de peixe, com muitas escamas. A sereia era da altura de uma pessoa humana, até mesmo Maria Ondina se levantou de sua cadeira para mostrar a altura a que chegavam os cabelos da sereia. Então, eu perguntei: ‘Mas quando a sereia apareceu, vocês perguntaram uma a outra se todas viam a sereia?’ A Maria Ondina me disse que todas elas se olharam, se encostando umas nas outras para chamar a atenção, e confirmaram com a cabeça o que estavam vendo e não conversaram mais, só depois, quando chegaram em casa, falaram da sereia (Diário Etnográfico – Colônia de Pescadores Z-3, 22 de abril de 2016).

Em todas as narrativas coletadas sobre as sereias, a sua imagem é de descrição imprescindível, pois o corpo desta personagem traduz os espaços que ela habita e também o fato das sereias fornecerem um canal comunicativo entre as águas e os humanos. Além disso, a imagem das sereias e o seu canto representam uma das características atribuídas pelos humanos aos ambientes aquáticos que é o seu aspecto sedutor. Segundo Oro e Anjos (2009), a orixá lemanjá, também chamada de Sereia do Mar,

por exemplo, expressa a sensualidade através das linhas do seu corpo, materializando características subjetivas atribuídas aos ambientes aquáticos, como a sua fartura e a sua beleza.

A beleza dos ambientes aquáticos é capaz de nos trazer uma sensação de leveza, harmonizando o nosso corpo e mente, em uma espécie de encantamento. Durante o ritual de encerramento da terreira de umbanda na Colônia Z-3 eu pude experimentar esta sensação de estar hipnotizada pela beleza e pelo canto das sereias, embalada pelas ondas da Lagoa dos Patos.

No ritual de encerramento da terreira de umbanda da mãe de santo Neida, que acontecia dentro da cooperativa de pescadores, chegou o momento da incorporação das entidades da praia, a terreira foi transferida para a beira d'água, como havia me alertado a pomba-gira Maria Mulambo: "Hoje as sereias vão estar aí na praia e a lemanjá vai aparecer também [...]". Era uma noite ventosa, apesar de ser verão e as mulheres que participavam da terreira, incorporando, estavam preocupadas com o frio, porque as sereias vivem nas águas.

Assim, as pessoas que participavam do ritual levaram algumas imagens de dentro da cooperativa para a praia, na beira da Lagoa dos Patos: a da sereia Janaína, a de lemanjá, a de Jesus Cristo, a do Divino Espírito Santo e a do Caboclo Rompe-Mato. As imagens foram colocadas pela cacique da terreira de frente pra água com 4 velas brancas acesas.

Então começaram os pontos – que são cantos, para chamar os espíritos para que eles possuam o corpo dos afro-religiosos, chamados de cavalos-de santo – uma a uma as mulheres caíam rolando na areia para dentro d'água. Então, eu pude observar, "chegando" nos corpos das mulheres da corrente, na terreira a céu aberto, na beira da Lagoa dos Patos, as sereias. As sereias não têm pernas para caminhar em terra e também não falam, elas entoam cantos, como os das histórias em que marujos são seduzidos por elas.

As sereias rolavam pra dentro da Lagoa dos Patos e em mergulhos iam para longe da praia, então alguns homens, que acompanhavam o ritual, entraram na água para evitar que os cavalos-de-santo se afogassem, pois as sereias podem respirar em baixo d'água, mas o corpo que as carrega não pode. Elas acabaram voltando para a beira da praia, e ficaram de frente para os fiéis que assistiam a cerimônia em terra. As sereias cantavam com um olhar doce, molhavam seus rostos e braços com delicadeza,

bem devagar, em meio a mergulhos que faziam seus pés cruzados surgirem sobre as águas escuras da lagoa.

Eu me sentia hipnotizada por elas, esqueci por um momento a minha preocupação em guardar detalhes da cerimônia, fiquei na beira d'água com os olhos estalados encantada com aquela aparição. As pequenas ondas da Lagoa dos Patos faziam um movimento constante, batendo nas sereias que seguiam o movimento das águas pra frente e pra trás, as ondas então rebentavam na beira da praia e mais uma série de pequenas ondulações se aproximava, de forma que parecia cronometrada.

Todo este cenário me deixava sem referencial, eu sentia ver tudo ao mesmo tempo e por isso não podia ver nada, eu não possuía mais um foco de concentração, parecia que ia pegar no sono, mas eu não sentia sonolência. Era como um sonho. Tive que balançar a cabeça de um lado para outro para retornar ao meu estado de consciência que parece ser o normal. Desde então, voltei a mim, a preocupação do meu trabalho e tentei tirar fotografias com os meus olhos das cenas que presenciava.

O Deleon me disse que eu poderia “tomar um conforto” com as sereias e assim fizeram todos aqueles que assistiam a terreira. Eu fui a cada uma das sereias, elas passavam as mãos no meu rosto e cabelos sem parar de cantar, uma delas passava as mãos nos meus braços como que tirando um peso do meu corpo. Percebia que o passe acabava quando elas abriam os braços em direção a nós, por que elas não falavam e nem saiam do lugar, apenas cantarolavam sem parar. Então, era preciso observar seus gestos para compreender ao menos o momento em que os passes acabavam. Eu sentia uma leveza no corpo, uma paz no peito. Pertencendo a aquela lagoa imensa, as sereias escolhiam aquele pedacinho dela para aparecer e como que por um milagre eu estava lá. Que felicidade poder observar um ritual que me trouxe tanta paz de espírito. Apesar de a noite estar ventosa, depois dos passes eu não senti mais frio, mesmo com os meus pés molhados nada era motivo para eu me queixar (Diário Etnográfico – Colônia de Pescadores Z-3, 04 de fevereiro de 2016).

O fato das sereias terem o hábito de descansar, receber oferendas e ofertar passes nas margens da Lagoa dos Patos de uma praia oceânica ou de uma cachoeira e, ao mesmo tempo, morar no fundo das águas evidenciam a necessidade que os humanos têm de se comunicar com o ambiente aquático e vice-versa. Os passes ofertados pelas sereias na noite

do dia 04 de fevereiro de 2016, na beira da Lagoa dos Patos, transferem paz de espírito aos fiéis, “curando as doenças da alma” e trazendo uma sensação de leveza através dos seus cantos. Desta forma, as sereias são capazes de transferir paz de espírito, equilibrando o pensamento e produzindo saúde mental.

A beira d’água, seja de uma praia oceânica perigosa, como a praia do Mar Grosso, em São José do Norte, seja uma praia aparentemente calma, como a da Lagoa dos Patos, tem a capacidade de nos trazer tranquilidade. De uma maneira universal, os humanos procuram os ambientes costeiros para relaxar, tirar férias, praticar atividades físicas, para o lazer. Os autores Oro e Anjos (2009, p. 107), por exemplo, trazem uma fala do Pai Dinajara, religioso afro-brasileiro de Porto Alegre, na qual ele diz: “Quem é que não gosta de tomar um banho de mar, quem não gosta de observar, admirar o mar! Que paisagem mais bonita que é o mar! Todo mundo observa”. A imensidão das águas, suas cores, sua representação de vida trazem paz de espírito aos que contemplam o mar. No batuque do Rio Grande do Sul, por exemplo, para a orixá lemanjá é atribuída a competência de ser a “dona do pensamento”, sendo o pensamento considerado não somente a atividade mental, mas também a ação que dela decorre (ORO e ANJOS, 2009).

Na narrativa trazida por Claudia Félix, por exemplo, a Sereia do Mar, lemanjá, representa as águas como um todo. Ela é a própria água salgada e por isso, através do seu pranto se dissolve em água, escorrendo pelas pedras até o mar. Esta orixá feminina aproxima as águas, que são desconhecidas e infinitas, da episteme humana. Esta aproximação também acontece quando nos deparamos com a sereia Janaina ou lara, metade humanas e metade peixe, pois estes seres são capazes de transferir a leveza do mar para os nossos pensamentos ao se materializarem no corpo de um cavalo-de-santo.

Assim, percebemos que uma das formas de obter o equilíbrio mental e tranquilidade acontece quando materializamos o que estamos pensando. Ou seja, estar em um ambiente aquático me tranquiliza devido a sua imensidão, suas cores e a sua manifestação de vida, entretanto estes pensamentos sobre o mar podem me tocar quando desta água surge uma sereia que passa as suas mãos sobre o meu corpo, ou quando as gotas d’água pingam das mãos dela sobre mim, me trazendo paz de espírito. Desta forma, parecem ser infinitas as maneiras de experienciar o ambiente aquático e elas não se excluem, mas, ao contrário, se complementam. Assim, as narrativas que trazem as sereias, apresentam também este ser mítico feminino que é a orixá lemanjá, Rainha das Águas.

No ritual umbandista na Colônia de Pescadores Z-3, onde as sereias incorporaram nas mulheres da terreira, a orixá lemanjá não poderia deixar de aparecer, como havia me falado a pomba-gira Maria Mulambo.

Naquela noite nada mais tirava os meus olhos da Lagoa dos Patos. Eu tinha visto as sereias, como a Maria Mulambo havia me dito: “Hoje as sereias vão estar aí na praia e a lemanjá vai aparecer também. Então, tu te concentras bem, se tu puder ficar um pouco sozinha fica, te concentra, não deixa ninguém te atrapalhar, fica quietinha que hoje ela vai aparecer”. Faltava ainda aparição da orixá lemanjá.

De repente eu escuto disparar o alarme de um carro e alguém correndo na minha direção. Eu pensei que fosse alguém correndo para desligar o alarme do carro que estava com os faróis ligados para iluminar a beira da praia e por isso nem olhei para trás, preocupada em dar atenção às sereias, a Lagoa dos Patos, à uma possível aparição de lemanjá. Entretanto, alguém me atinge nas minhas pernas, esbarrando pelas minhas costas. Era a mãe do Deleon, que havia servido de cavalo-de-santo para a Maria Mulambo, agora ela recebia o caboclo Rompe-Mato. Assim como a cabocla Iara e a Janaina, o caboclo Rompe-Mato é uma entidade indígena, que rompe o mato para adentrar no ambiente aquático. Ele é uma entidade masculina, mas que como as sereias, adentrou rolando a Lagoa dos Patos. Este caboclo, diferente das sereias, tem o poder da fala.

O caboclo Rompe-Mato passou por mim de raspão, quase me derrubando para dentro da lagoa, rolando pra dentro da água, em direção ao fundo, no corpo da mãe do Deleon, a Eliane. Então, eu me preocupei com a mulher que recebia o caboclo por que os rapazes que estavam cuidando as sereias – que neste momento deixaram os fiéis na beira da praia e se foram ao fundo da Lagoa – não viram esta mulher caindo na água. Então, eu pensei em segui-la, cuidá-la, mas eu fiquei com vergonha de entrar na água, pensei que poderia estar sendo indiscreta. Além disso, pensei que poderia perder algo que acontecia na beira da praia em detrimento de uma só pessoa. Mesmo assim eu cheguei até a beira, olhando a sereia de longe, curiosa e quase entrando atrás dela.

Até que o Deleon deixou a sereia que ele estava cuidando e foi atrás do caboclo Rompe-Mato, assim também fez um outro rapaz, chamado de Jardel. Quando vi os rapazes com ela me deu vontade de ir lá novamente, perguntar a eles o que tinha acontecido. Eu estava inquieta, sentia que deveria ir até lá, mas eu não ia por medo de estar sendo intrometida, medo de me molhar, medo de perder o que acontecia na beira d'água. Nesse momento todas as sereias tomaram o rumo em direção ao fundo da lagoa.

Depois de alguns instantes dentro d'água as sereias começaram a voltar para a beira da praia, então o Deleon e os outros rapazes saíram da água e uma a uma as sereias foram indo embora do corpo de seus cavalos. O Deleon veio até mim me perguntando: “tu viu? Tu viu que ela apareceu? A entidade da mãe me disse que a lemanjá estava aqui, que era pra eu olhar. Então, eu pensei: ‘se ela tá vendo eu também posso ver’. O Jardel [que estava junto com o Deleon dentro da Lagoa dos Patos] não botou muita fé no que ela disse, não olhou muito, só de canto de olho. Veio vindo uma luz azul, uma luz veio crescendo e vindo pra perto de nós, era muito grande, até que desapareceu”. O Deleon e o Jardel afirmaram ter visto a orixá lemanjá, na forma de uma luz muito forte e azul, que crescia em direção a praia, indo de encontro com as sereias, que, neste momento, avançavam para o fundo da laguna (Diário Etnográfico – Colônia de Pescadores Z-3, 04 de fevereiro de 2016).

As sereias, que cantavam na beira da lagoa, dando passes nos fiéis e balançando suas caudas na água, parecem sentir a presença da Rainha do Mar, lemanjá, pois no momento da aparição elas partem em direção ao fundo da laguna, para encontrá-la, como que levando para o fundo das águas aquilo que pesava na alma e no corpo dos fiéis que acompanhavam a cerimônia.

Nas narrativas do Deleon e do Jardel, e a da Maria Ondina, moradores da Colônia de Pescadores Z-3, lemanjá é uma luz azul muito forte, ou tem um manto azul com as mãos muito iluminadas, que surge das profundezas da lagoa e vai crescendo em direção à costa, até que se acaba. Na narrativa da Cláudia Félix, de São José do Norte a orixá lemanjá se dissolve na água salgada de seu choro, transformando-se em mar. Assim, a dona do pensamento, Rainha das Águas, representa a saúde mental produzida nos humanos quando estes se encontram com os ambientes aquáticos, com uma “luz azul muito forte” ou quando as sereias levam as “coisas ruins” para as águas.

AS SEREIAS E OS TRITÕES: uma sociedade sobaquática

A música interpretada por Maria Bethânea, chamada de “Yemanjá, Rainha do Mar”, tem uma estrofe que fala sobre as aparições da Rainha do Mar, nos sugerindo que seus avistamentos não são tão raros quanto parecem.

Quem é que já viu a Rainha do Mar?
Quem é que já viu a Rainha do Mar?
Pescador e marinheiro.
Quem escuta a sereia cantar.
É com o povo que é praieiro
Que dona lemanjá quer se casar.

A aparição de lemanjá e das sereias no ritual umbandista na Colônia de Pescadores Z-3 me perturbou por dias. Ao mesmo tempo que eu me sentia encantada por ter visto baixarem nos cavalos-de-santo tantas sereias, pois eram cerca de seis mulheres que caíam na água aquela noite, eu me perguntava por que eu e outras pessoas que também acompanhavam o ritual umbandista não puderam ver a orixá lemanjá, da mesma forma que o Deleon e o Jardel. Por conta disso, eu e o Deleon conversamos muitas vezes sobre este ritual e, em uma dessas conversas, o Deleon me falou sobre os tritões.

Eu disse para Deleon que eu tinha visto um documentário, sobre sereias, e que este vídeo defendia a existência de sereias vivas na Austrália. Então, o Deleon me disse: “Com certeza existe, ainda mais lá, pra aqueles lados da Austrália, que tem muitas pedras pra elas descansarem sobre o sol. Até aqui na lagoa existe sereia viva, porque se tinham os espíritos delas, que estavam naquele dia na praia, nas incorporações, tem que existir elas vivas”. Então eu perguntei pra o Deleon: “Mas se existem as sereias vivas porque nunca ninguém pegou uma na lagoa, com redes tão grandes?”. Ele me falou que com certeza nunca tinham pegado nenhuma sereia, argumentando: “Imagina, se eu fosse uma sereia e uma rede me pegasse eu ia rasgar ela com as mãos e sair facilmente”. Além disso, ele me falou que devia existir um Tritão, que fecunda a sereia: “Porque não teria como um homem, um pescador, fecundar uma sereia, porque ela não tem um ‘buraco’, é uma cauda, então deve ser um tritão. Talvez, os ovos são largados pela sereia na água e o tritão, então, fecunda esses ovos, como o que acontece com o bagre” (*Genidens barbatus*) (Diário Etnográfico – Colônia de Pescadores Z-3, 04 de maio de 2016).

O fato das sereias e da orixá lemanjá terem surgido naquele ritual umbandista na Colônia Z-3, além da sequência de investigações sobre a mitologia aquática a que eu me detinha desde fevereiro de 2015, me levaram a elaborar as minha próprias imagens destas figuras míticas aquáticas. Neste trecho que trago do meu diário de campo, está presente o

momento desta mudança de perspectiva, em que passo a interrogar o Deleon não só a partir das narrativas que os pescadores e as pescadoras da Colônia Z-3 me apresentavam, mas também a partir das minhas próprias narrativas.

Este momento da pesquisa, em que eu me sentia a vontade para trazer também os meus dados sobre estes personagens para serem reelaborados pelos moradores da Colônia de Pescadores Z-3, aconteceu quando eu já estava nos últimos momentos do meu trabalho de campo, depois de morar nove meses na Colônia Z-3. O personagem mítico do Tritão surge, portanto, quando acontece uma inversão de papéis entre pesquisadora e pesquisado.

Como consequência da necessidade de atualização da caracterização do ambiente aquático e dos seus personagens míticos tanto para mim quanto para o pescador Deleon, que aconteceu justamente pelo encontro de duas perspectivas, o “mar”, como é chamada a Lagoa dos Patos, passa a ser apresentado não só através de seres femininos. Assim, ficamos sabendo que também neste ambiente estão os personagens míticos masculinos, chamados de tritões.

O tritão elaborado pelo pescador Deleon remete as características do Caboclo Rompe-Mato, que aparece no ritual de encerramento da terreira de umbanda da Colônia de Pescadores Z-3. Este espírito indígena também cai rolando como uma sereia para dentro das águas, entretanto, ele é do gênero masculino e habita as matas, por isso, precisa romper a mata para chegar até a beira d'água. Além disso, diferente das sereias, o caboclo Rompe-mato possui a capacidade da fala, por isso, talvez o tritão ou o caboclo Rompe-mato seja responsável por fortalecer ainda mais o elo de comunicação entre humanos e não-humanos aquáticos na Z-3, pois agora, aquilo que podia ser apenas observado ou sentido, também pode transmitir conhecimento através da oralidade.

Este estado de reciprocidade entre eu e os pescadores e pescadoras da Colônia Z-3 leva esta pesquisa a apresentar o fundo das águas como sendo habitado por uma sociedade não-humana, composta por sereias e por tritões e comandada pela orixá Iemanjá e pela santa católica Nossa Senhora dos Navegantes. Esta sociedade subaquática também apresenta uma cultura, através de hábitos materializados, como o de cantar para seduzir marujos; o de descansar sobre a costa da lagoa ou sobre as pedras para apanhar o sol; o de proteger os marujos, ou de enganá-los; o de rasgar as redes dos pescadores e também de castiga-los com safras ruins ou gerando naufrágios.

Assim, as narrativas mitológicas tratam da origem, do devir, da eternidade, de trocas simétricas e assimétricas entre humanos, não-humanos e sobre-humanos (ROSA, 2013). Neste relato etnográfico

podemos perceber que a mitologia é capaz de materializar a comunicação que aconteceu entre os pescadores e pescadoras da Colônia Z-3 e eu, enquanto oceanóloga e pesquisadora de mitos, pois é a partir desta reciprocidade que surgem os tritões. Além disso, as características desta sociedade subaquática delineada pelos pescadores e pescadoras da Colônia de Pescadores Z-3 confirmam a existência de um estado de intimidade entre humanos, não-humanos e sobre-humanos.

Esta intimidade, que desenvolve intenções comunicativas, acontece porque são todos – as sereias, os tritões, a orixá lemanjá, a santa Nossa Senhora dos Navegantes, os pescadores, as pescadoras e eu – capazes de se comunicar, interferindo na dinâmica de vida um do “outro” na medida em que compartilhamos o mesmo território, a Lagoa dos Patos e suas margens. Desta forma é possível colocar-se no lugar do outro, como fez o pescador Deleon ao identificar a maneira como uma sereia se libertaria de uma rede de pesca ou, até mesmo, no ato de incorporação das religiões afro-brasileiras, quando, por exemplo, uma sereia toma o corpo de uma humana.

A mitologia, portanto, nos ensina a identificar a projeção de territórios epistemológicos que não estão uns sobre os outros, sejam eles representados por diferentes culturas ou mesmo por diferentes estados do ser (humanos, não-humanos e sobre-humanos), mas que se apresentam em um “entre” e que quando se encontram negam visões homogeneizantes, recebendo impulsos para sua ressignificação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADOMILLI, Gianpaolo Knoller. **Terra e Mar, do Viver e do Trabalhar na Pesca Marítima: Tempo, Espaço e Ambiente Junto a Pescadores de São José do Norte** – RS. 2007. 343 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, [2007].

_____. **Arte de Pescar, Arte de Narrar: Notas Etnográficas sobre a Dimensão Cultural do Trabalho em uma Comunidade Pesqueira. Méis: história&cultura**, Caxias do Sul, v. 8, n. 16, p. 97-119, 2009.

AMADO, Roberto. **Festa nas Águas: Fé e Tradição nos Rios e Mares do Brasil**. São Paulo: Editorahorizonte, 2011.

CASCUDO, Luís Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1959.

BITTENCOURT, Carolina Amorim da Silva; ROSA, Rogerio Réus Gonçalves; MOURA, Gustavo Goulart Moureira. “Se ela tá vendo eu também posso ver”: a etnografia na Colônia de Pescadores Z-3, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. **Tessituras**, Pelotas, v. 5, n. 1, p. 56-86, jan./jun. 2017.

----- **Ensaio de Etnografia Brasileira**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971.

----- **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1972.

KOSBY, Marília Floôr. Cruzamentos, territórios e patrimônio religioso: sobre a doçura como referência cultural nas comemorações de Iemanjá e Nossa Senhora dos Navegantes nas praias do Laranjal, Pelotas/RS, em 2007. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 17, p. 28–36, 2008.

NIERDELE, Paulo André et al. Pluriatividade e Pesca Artesanal: O Caso da Colônia Z-3 em Pelotas, RS. In: **XLII Congresso da Sober: Instituições, Eficiências, Gestão e Contratos no Sistema Agroindustrial**, Ribeirão Preto: Sociedade de Economia e Sociologia Rural, 2005.

ORO, Ari Pedro; ANJOS, José Carlos Gomes dos. **A Festa de Nossa Senhora dos Navegantes em Porto Alegre: Sincretismo entre Maria e Iemanjá**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.

PROGRAMA ALTAS HORAS do dia 18 de fevereiro de 2011. Rio de Janeiro: Globo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=thm-sfFtPXY> . Acesso em: 13 dez. 2017.

RIBEIRO, Angelita Soares. **Bruxas, Lobisomens, Anjos e Assombrações na Costa Sul da Lagoa dos Patos – Colônia Z-3, Pelotas**: Etnografia, Mitologia, Gêneros e Políticas Públicas. 2012. 120 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Pelotas, Pelotas, [2012].

ROSA, Rogério Reus Gonçalves da. A Relação Afro-ameríndia entre o Negrinho do Pastoreio e o Saci-Pererê na Mitologia. **Antares: Letras e Humanidade**, Caxias do Sul, v.5, n. 10, p. 175–203, 2013.

AUTORES

Carolina Amorim da Silva Bittencourt

Oceanóloga pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia (PPGA) da

BITTENCOURT, Carolina Amorim da Silva; ROSA, Rogério Réus Gonçalves; MOURA, Gustavo Goulart Moureira. “Se ela tá vendo eu também posso ver”: a etnografia na Colônia de Pescadores Z-3, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. **Tessituras**, Pelotas, v. 5, n. 1, p. 56–86, jan./jun. 2017.

Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). E-mail: carol.amorimsb@gmail.com.

Rogério Réus Gonçalves Rosa

Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor do Bacharelado em Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (Mestrado e Doutorado), Coordenador do núcleo de Etnologia Ameríndia (NETA) e Coordenador do Projeto de Pesquisa Mitologia, Diversidade Religiosa e Políticas Públicas, programas vinculados a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

Gustavo Goulart Moureira Moura

Oceanólogo pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e doutor em Ciência Ambiental pelo programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental da Universidade de São Paulo (PROCAM/USP). Atualmente é professor Adjunto do curso de Etnodesenvolvimento ligado a Faculdade de Etnodiversidade da Universidade Federal do Pará (UFPA), onde é vice-diretor.

Recebido em: 01/12/2016.

Aprovado em: 14/02/2016.

Publicado em: 13/12/2017.

BITTENCOURT, Carolina Amorim da Silva; ROSA, Rogério Réus Gonçalves; MOURA, Gustavo Goulart Moureira. "Se ela tá vendo eu também posso ver": a etnografia na Colônia de Pescadores Z-3, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. *Tessituras*, Pelotas, v. 5, n. 1, p. 56-86, jan./jun. 2017.